



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_20/2017

Homilia na Ordenação de Presbíteros

Braga, Sameiro, 16.Jul.2017, 15h30

Exclusivamente padres

O sacerdote, enquanto homem consagrado, questiona-se sobre a sua identidade e pertença. A primeira certeza que possui, e também a mais importante, é que pertence a Alguém. Esse alguém é Cristo. Sabe que não está condenado à solidão, com a conseqüente tristeza de uma vida individualista e egocêntrica. Faz parte da sua identidade uma rede sólida de relações verdadeiras, humanizantes, gratificantes e promotoras de uma vida feliz.

Podemos afirmar, com segurança, que o sacerdote pertence a Cristo e à Igreja. Nele faz-se ministro de Deus e edifica a comunidade cristã. É de todos, sem privilegiar ninguém mas também sem excluir ninguém. Recordo o que nos dizia o nosso poeta, e que outrora era muito repetido, “Ai saíbe amigos meus, ser padre é isto somente: não ser de si, nem dos seus, para ser de toda a gente”.

Quando se levanta a questão sobre a pertença, é importante sublinhar que o sacerdote é co-autor da sua vida e do seu itinerário. Não pode, nem deve, delegar em ninguém o seu interior nem abdicar da responsabilidade dos seus sentimentos e da sua vontade. Na ausência deste compromisso, correr-se-ia o risco de resvalar para questões vazias de sentido. Tomar em mãos a sua vida interior é o seu primeiro dever e trabalho. Só assim cresce na fidelidade à vocação, na entrega generosa e na alegre resposta pastoral. Uma oferta livre e total, sabendo que tudo é seu mas que o entregou no dia da ordenação. Como é importante este horizonte para ser um homem do serviço conscientemente oferecido e alegremente saboreado. Normalmente, quando existem problemas eles nascem daqui. Um padre incapaz de se encontrar consigo vive perdido e disperso entre ilusões e fantasias.

Ao mesmo tempo, pertencer a Cristo é o vértice de um caminho que se constrói todos os dias. O horizonte e a meta é Cristo. Nele, que é a videira, permanecemos unidos, vinte e quatro horas por dia, para assim mostrar os frutos desta união. Esta união, como sabemos, acarreta responsabilidades e obrigações: santificação pela oração e pela celebração dos sacramentos. Algo que deve vir do nosso interior e não do mero rubricismo que garanta a validade do acto.

Estar com Jesus implica ainda reconhecer que a Palavra de Deus é a única que entrelaça o diálogo e a intimidade. Ouso propor o *Primado da Palavra* para a vida do sacerdote. A Palavra preenche-nos e protege-nos de inúteis crises depressivas ou espirituais. Sem o contacto directo com o Evangelho, procurando assimilar a sua mensagem, não há verdadeiros sacerdotes. É ele que faz de nós anunciadores de Cristo e homens que abraçam incondicionalmente a vocação e a missão.



Santo Inácio de Antioquia dizia que “adiro ao Evangelho como à carne de Cristo”. Todos os cristãos, mas o sacerdote em primeiro lugar, devem fazer com que o Evangelho se torne a carne viva nas suas próprias vidas. Só assim vamos conquistando uma espiritualidade evangélica, em toda a sua radicalidade, que não pactua com reduções interpretativas ou atenuações. Parece, infelizmente, existir um Evangelho alternativo, tal é adaptação que lhe damos na pregação e na vida quotidiana. Ele é, todavia, apenas um. Um com todo o seu radicalismo que modela a nossa mentalidade e o nosso modo de viver. O Evangelho torna-se, deste modo, uma couraça e o sacerdote não cede às fáceis atrações do mundo com propostas sedutoras e enganadoras.

O sacerdote pertence, ainda, à comunidade e esta pertença define a sua identidade e o seu ministério. Não é senhor que domina, mas servo que gasta a vida pois não vive para si mas sempre para a comunidade. Ele sabe que foi tomado da comunidade, não por vontade própria, mas por iniciativa e compromisso divino. Ao ser tomado da comunidade é devolvido à comunidade como irmão, pai e pastor. E imbuído desta doutrina, não se contenta em viver só na comunidade mas, juntamente com todos os irmãos, é ministro no sentido de servo e guia da comunidade para liderar ao estilo do Bom Pastor que dá a vida.

Ao presbítero não devem interessar compensações secundárias ou materiais. Por estar incarnado no mundo, é natural que viva numa tensão entre o ter e o não ter, entre o pertencer a este mundo e o não pertencer. Viver, contudo, num estilo evangélico é estar no mundo sem mundanismos que desfoçam a sua pertença livre e pura à comunidade. Ao viver em comunidade partilha a vida da comunidade, principalmente quando acolhe a todos e dedica uma predileção aos mais carenciados, quando oferece o seu tempo a todos e não só a grupos escolhidos ou selecionados, quando, enfim, gasta o melhor das suas energias, qualidades físicas e espirituais em favor do bem da comunidade. Foi este o compromisso que assumiu no dia da ordenação e que renova todos os anos na Quinta-feira Santa.

É na formação permanente e no seio da comunidade que se vai construindo um modo integral de ser padre. Isto implica saber organizar o seu dia-a-dia, dedicar tempo ao estudo, à oração, à família, ao seu bem-estar e, sobretudo, colocar em primeiro lugar os paroquianos ao invés de coisas supérfluas.

Estar em comunidade é também oportunidade para reforçar a consciência de que, em virtude do baptismo, o padre partilha com todos os cristãos o sacerdócio comum e, como todos, oferece-se em sacrifício agradável a Deus. Esta consciência respeita o povo de Deus e recusa qualquer tentação de clericalismo. O clericalismo é uma doença! Um sacerdote saudável respeita a missão dos leigos e procura potenciar as suas capacidades. Eles não são meros colaboradores mas antes edificadores do Reino naquela comunidade concreta. Quando se leva a sério esta doutrina, emerge então um renovado sentido de família, uma verdadeira fraternidade e uma Igreja ministerial.

A comunidade, ao reconhecer a entrega incondicional do seu pastor, oferece-lhe uma variedade de carismas que têm a sua origem em Deus. Mas devolve-lhe ainda a alegria do conhecimento, a amizade, o amparo e as forças necessárias para levar o seu ministério por diante. Entre o sacerdote e a comunidade existe uma permuta de dádivas e ofertas.



Por fim, desde o dia da sua ordenação, o sacerdote tem consciência de que pertence a um presbitério e do qual recebe todas as ajudas de que necessita para o seu crescimento no ministério. O presbitério deve ser, hoje e sempre, um espaço de amizade, de íntima fraternidade e de testemunho sacerdotal.

Nesta dinâmica de pertença, o sacerdote aceita o que dizia Santo Inácio de Antioquia: “Nada sem o bispo”. Isto traduz-se em duas coisas. Partilhar com o bispo e com os sacerdotes todos os momentos, sejam eles de crise ou de dificuldade ou sejam eles de alegria e de entusiasmo. Mas, em simultâneo, entrar em sintonia com o projecto pastoral e com as orientações do bispo diocesano.

Eis o sacerdote para o dia de hoje. Alguém que não é de ninguém para ser de todos, alguém que trabalha e reza, que pertence a Deus, à comunidade, ao presbitério e ao bispo. Esta é a nossa identidade, esta é a razão da nossa alegria.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*